

# O PRIMEIRO TURNO DA ELEIÇÃO PARA PREFEITO DE SÃO PAULO<sup>1</sup>

Carlos Alberto Marques Novaes

## RESUMO

Com base nos resultados das eleições para prefeito da cidade de São Paulo em 1996, este artigo atualiza a geografia do voto apresentada em artigo anterior, publicado nesta revista (no 45), e acrescenta informações sobre o perfil social das preferências do eleitor na cidade. Palavras-chave: eleições; São Paulo; preferências de voto.

## SUMMARY

Based on the results from the first round of São Paulo's 1996 mayoral elections, this article updates the geography of voting patterns presented in an earlier article, published in this journal (no 45), and introduces new information on the social profile of voter preferences in this city.

Keywords: elections; São Paulo; voter preferences.

Duas razões impedem que se possa dizer que os resultados do primeiro turno da eleição para prefeito de São Paulo tenham sido surpreendentes: de um lado, trouxeram a confirmação de uma distribuição geográfica das preferências eleitorais que se observa na cidade desde pelo menos 1988; de outro, confirmam a tendência de crescimento do voto conservador na capital, que é despejado no candidato da direita ou do centro, mormente quando este vem em aliança com aquela, desde 1989. Já na eleição para governador em 1990, Maluf venceu o primeiro e o segundo turnos na cidade, embora tenha acabado por perder a disputa para Fleury, em razão da força que naquela altura o PMDB tinha no interior.

A *tabela 1* traz os resultados de eleições na cidade de São Paulo no período 1988-96 e sua distribuição por regiões, as quais estão representadas no *mapa 1*, enquanto o *mapa 2* mostra a distribuição regional dos eleitores.

(1) Em artigo publicado no no 45 de *Novos Estudos* (julho de 1996), apresentei o esboço de uma geografia do voto na cidade de São Paulo. Agora, de posse dos resultados do primeiro turno da disputa para a prefeitura desta capital em 1996, é possível avançar um pouco mais, ainda que continue devendo a conclusão de um trabalho mais amplo. Sou grato a Paulo Henrique da Silva pela ajuda que prestou na elaboração de mapas, tabelas e gráficos. Erros e omissões eventualmente cometidos são de minha responsabilidade.

De maneira geral, os números da tabela permitem constatar o avanço constante da direita, polarizada por Paulo Maluf, e uma imobilidade da esquerda, hegemônica pelo PT<sup>2</sup>. O PMDB é uma força em declínio, cujos insucessos não deixam margem para retorno, e o PSDB tem obtido um quinhão que encolhe ou aumenta conforme haja ou não uma força

**Tabela 1**  
Resultados Eleitorais na Capital<sup>1</sup>, segundo Regiões  
(% sobre o total do comparecimento em cada região)  
1988-1996

Regiões	PDS/PP/PPB					PSDB						
	Maluf	Maluf	Maluf	Maluf	Pitta	Serra	Feldmann	Covas	Covas	FHC	Serra	Serra
	1988	1989	1990	1992	1996	1988	1992	1990	1994	1994	1994	1996
	Pref.	Pres.	Gov.	Pref.	Pref.	Pref.	Pref.	Gov.	Gov.	Pres.	Sen.	Pref.
Centro-Norte	<i>31</i>	<u>29</u>	<u>44</u>	<u>43</u>	<u>51</u>	6	5	17	46	57	49	16
Centro-Sul	<u>33</u>	22	44	43	49	<u>10</u>	<u>8</u>	20	<u>55</u>	<u>66</u>	<u>60</u>	<u>23</u>
Leste 1	19	22	32	31	39	4	3	16	35	39	34	11
Leste 2	21	23	34	34	44	4	3	19	40	44	37	12
Norte 1	23	26	38	37	46	5	3	18	42	52	42	14
Norte 2	21	24	36	35	40	4	3	18	34	45	38	12
Oeste	26	23	41	35	44	7	5	<u>23</u>	34	56	48	17
Sul	19	20	34	33	43	4	3	17	36	45	35	13
<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>23</b>	<b>38</b>	<b>37</b>	<b>45</b>	<b>6</b>	<b>4</b>	<b>18</b>	<b>41</b>	<b>50</b>	<b>43</b>	<b>15</b>

	PT					PMDB				Rossi <sup>2</sup>		
	Erundina	Lula	Suplicy	Lula	Erundina	Erundina	Leiva	Aloysio	Quércia	Pinotti		
	1988	1989	1992	1994	1994	1996	1988	1992	1994	1996	1994	1996
	Pref.	Pres.	Pref.	Pres.	Sen.	Pref.	Pref.	Pref.	Pres.	Pref.	Gov.	Pref.
Centro-Norte	27	12	21	20	26	18	12	8	2	1	18	5
Centro-Sul	25	9	24	18	30	17	10	8	2	1	17	3
Leste 1	<u>32</u>	<u>25</u>	<u>28</u>	<u>32</u>	<u>36</u>	<u>31</u>	14	10	4	2	16	8
Leste 2	30	17	23	25	29	25	<u>17</u>	<u>11</u>	<u>5</u>	<u>2</u>	15	7
Norte 1	31	13	22	21	27	20	15	10	3	2	19	8
Norte 2	33	17	23	26	30	25	15	10	4	2	26	12
Oeste	30	13	27	21	28	18	12	9	2	2	28	11
Sul	32	18	23	26	30	26	16	11	3	2	18	8
<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>15</b>	<b>24</b>	<b>24</b>	<b>29</b>	<b>23</b>	<b>14</b>	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>18</b>	<b>7</b>

Fonte dos dados primários: TRF-SP.

(1) Para eleições em que houve dois turnos, os números apresentados são os do primeiro. Os números sublinhados indicam a região em que o candidato se saiu melhor em cada pleito. Quando o melhor resultado discrepa, os números em *itálico* mostram o segundo melhor resultado.

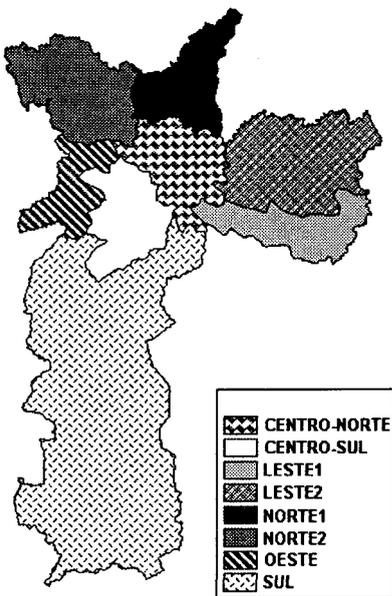
(2) Candidato pelo PTB em 1994 e pelo PDT em 1996, mas essas votações não configuram a mais remota simpatia partidária.

competitiva à sua direita. As intensas presenças malufista e tucana nas regiões Centro-Norte e Centro-Sul, que concentram um voto mais conservador, fazia prever ali um embate entre José Serra e Celso Pitta nessa disputa de 1996. Caracterizadas como de classe média e classe média-alta, essas regiões abrigam os chamados formadores de opinião, e era nelas que Pitta e Serra precisariam fazer o primeiro tira-teima. Na condição de candidato da força emergente da política paulistana e beneficiado tanto pela boa imagem de que desfruta o governo Maluf junto à opinião pública (muito bem explorada na TV) quanto pelos erros cometidos pelo adversário ao tentar quebrar essa blindagem, Celso Pitta alcançou nessas áreas centrais a metade dos votos já no primeiro turno. Luiza Erundina, como sempre, obteve seus melhores resultados nas regiões Leste, Sul e Norte 2, registrou seus piores desempenhos nas regiões centrais e confirmou a tendência de queda do PT na região Oeste. Serra teve de se contentar em manter a tradição tucana de obter seu melhor resultado na região Centro-Sul, onde chegou a superar Erundina, e Francisco Rossi alcançou seus melhores desempenhos nas regiões da capital limítrofes a Osasco, cidade de que foi prefeito.

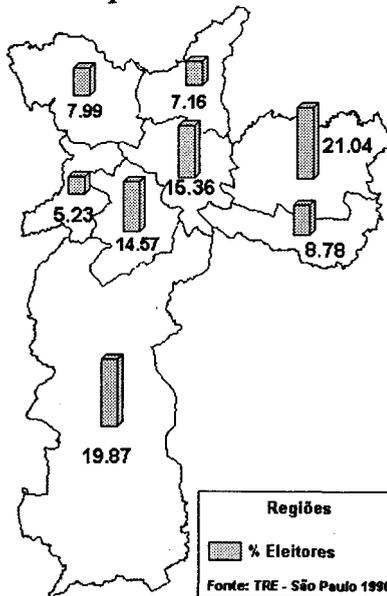
A geografia do voto que aparece na *tabela 1* não está desprovida de sentidos sociais profundos. N.º artigo anterior, mencionado na nota 1, foi possível sugerir uma relação entre os melhores desempenhos de candidatos e partidos e a renda dos chefes de família apurada pelo IBGE no Censo de 1991. Estava claro que os melhores desempenhos da direita e do centro

(2) A semelhança dos percentuais obtidos por Luiza Erundina em 1988 e 1994 dá uma evidência a mais da estabilidade do voto que vimos discutindo. Na eleição para a prefeitura em 1988, disputada em turno único, Erundina beneficiou-se de uma espécie de "segundo turno ocorrido no primeiro turno", recebendo parte do eleitorado de classe média antimalufista que tendia para Serra, mas fez "voto útil" na petista. Em minha interpretação, esse mesmo eleitorado, na disputa para o Senado em 1994, como dispunha de dois votos, deu o segundo para Erundina. Note-se como em 1988 o menor índice da petista está no eleitorado da região Centro-Sul, mais fiel aos tucanos e, portanto, mais avesso ao voto útil, dilema que não precisou enfrentar em 1994, quando pôde alocar suas duas preferências.

Mapa 1



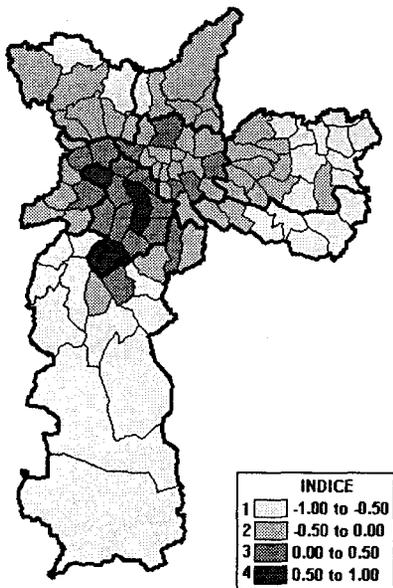
Mapa 2



vinham se dando em áreas com predominância de famílias mais bem aquinhoadas, enquanto os candidatos de esquerda se saíam melhor em áreas de concentração de populações mais pobres. Vejamos como se deu, nesse primeiro turno de 1996, a distribuição das preferências segundo a condição social do eleitor, só que empregando não os dados sobre a renda, mas o índice de exclusão social (IEX) para a cidade de São Paulo apresentado pela PUC-SP no "Mapa da exclusão/inclusão social", de 1995<sup>3</sup>. Assim, o *mapa 3* apresenta a distribuição de quatro faixas do IEX nos 96 distritos da capital e, em contornos mais vivos, nas oito regiões elencadas na *tabela 1*, e a *tabela 2* traz o desempenho dos principais candidatos no primeiro turno segundo essas faixas do IEX.

(3) Essa classificação inclui a renda, mas combina outras variáveis, como escolaridade e condição de moradia. Ver: Sposati, Aldaíza (coord.). *Mapa da exclusão/inclusão social*. São Paulo: Núcleo de Seguridade e Assistência Social PUC-SP, 1995. A tabela do IEX está publicada em: Sposati, Aldaíza. "Desejo de São Paulo". *Novos Estudos*. São Paulo: Cebrap, no 45, jul.1996, p. 206.

**Mapa 3**



**Tabela 2**  
Desempenho dos Candidatos no Primeiro Turno,  
segundo Faixas do IEX  
1996

Faixas do IEX	Desempenho dos candidatos (em %)							
	Pitta	Erundina	Serra	Rossi	Pinotti	Nulo	Branco	Outros
1	38,94	29,29	11,41	8,56	2,20	5,53	1,79	2,28
2	46,63	21,07	13,63	7,57	1,78	5,65	1,54	2,14
3	49,50	17,82	19,60	4,49	1,32	4,55	1,24	1,49
4	51,27	15,79	22,94	3,07	1,09	3,65	1,06	1,13
<b>Total</b>	<b>44,93</b>	<b>22,83</b>	<b>14,50</b>	<b>7,08</b>	<b>1,79</b>	<b>5,31</b>	<b>1,54</b>	<b>2,02</b>

Fonte dos dados primários: TRE-SP.

Os números indicam que há dois blocos de candidatos. De um lado, Pitta e Serra, cujo desempenho é melhor nas áreas mais ricas, e, de outro, Erundina, Rossi e Pinotti, que têm seus melhores desempenhos nas áreas mais pobres. Interessante observar que Serra bate Erundina nas duas áreas em que o índice da qualidade de vida é positivo, perdendo por larga margem ali onde o índice é menor do que zero. Dada a correspondência existente entre o mapa da exclusão e as nossas oito regiões, pode-se dizer que o malufismo vai se consolidando nas áreas centrais, onde estão os mais ricos, e baseado nessa franquia vai crescendo na periferia, junto às populações mais pobres.

Embora a eleição tenha apresentado resultados que obedeceram a um padrão que pôde antecipá-los ao menos em seus contornos mais gerais, não é desinteressante tratar os elementos mais conjunturais do processo, iluminando caminhos e conexões por onde passaram sucessos e fracassos. Para isso, vamos nos servir de dados de pesquisas quantitativas e qualitativas<sup>4</sup> realizadas ao longo do período eleitoral.

Antes de passarmos ao exame dos dados dessas pesquisas, porém, é proveitoso discutir, no âmbito das variáveis propriamente conjunturais, uma atmosfera mais geral, que presidiu também a eleição em outras cidades. Como os resultados de várias pesquisas têm indicado, os brasileiros se mostram mais otimistas do que antes, ainda que não se declarem satisfeitos nem deixem de fazer críticas. Essa atmosfera tem no fim da inflação e na conseqüente diminuição da incerteza um ponto de amarração. A estabilidade, que alimenta pequenos sucessos, levou a população a uma atitude "incrementalista", isto é, cada ganho, cada novo bem material adquirido, cada dificuldade superada é contabilizada e há um horror à incerteza, pressentida como ameaça de recuo. De sorte que o fim da inflação retirou das oposições a moeda comum que permitia, e mesmo obrigava, a nacionalização de todas as disputas eleitorais realizadas em grandes cidades. A perda desse motivo geral permitiu o surgimento de uma agenda propriamente municipal. Daí a perspectiva continuísta do eleitor ali onde os prefeitos — beneficiados tanto pelas inovações constitucionais, que deram mais recursos aos municípios, quanto pelos ganhos diretos e indiretos provenientes da estabilidade monetária — realizaram ou deram a impressão de ter realizado mais do que se havia logrado antes. Mudar pode significar, aos olhos desse eleitor, alterar para pior uma situação que, se não é ótima, está arranjada de um modo que sugere progresso. Os acertos dos governos municipais, reais ou aparentes, são vividos pelo eleitor como que em harmonia com os êxitos do Real. Dessa perspectiva, a eleição em São Paulo sugeria que Serra e Pitta disputariam variantes da idéia de *continuidade*, cabendo a Erundina a irresistível, e difícil, bandeira da *mudança*, polarizações conjunturais em tudo ajustadas ao padrão eleitoral que já examinamos.

N.º âmbito da continuidade, o extraordinário êxito propagandístico da administração Maluf, aliado à circunstância de que a disputa era para prefeito, só não eliminava de antemão todas as chances de Serra porque Pitta era um desconhecido. Era muito difícil antecipar as preferências do

(4) As pesquisas qualitativas em que me baseio foram realizadas pela FPP, sob a coordenação de Fátima Pacheco Jordão, com quem mantive instrutivas conversas sobre o processo de formação de preferências do nosso eleitorado.

eleitor conservador. Do lado da mudança, Erundina aparecia como candidata natural, beneficiando-se de uma polaridade PT—Maluf já consolidada na cidade. Rossi corria por fora, na base de motivos subjetivos, e, como já vimos no artigo de julho, não tinha maiores perspectivas em face de um eleitorado tão "institucionalizado" como o de São Paulo.

O desafio de Maluf não era apenas transferir votos, mas também transformar o prestígio do seu governo em votos no desconhecido Pitta. Serra teria de falar de continuidade num plano mais geral, apresentando-se como mais apto a consolidar e ampliar conquistas do que o principiante Pitta. Erundina tinha dois caminhos: apresentar-se como oposição em âmbito municipal, estadual e federal, vestindo o figurino petista clássico, ou conduzir-se segundo suas escolhas mais recentes — de que são exemplos a ida ao governo Itamar, o aberto apoio a Covas no segundo turno de 1994 e a proposta de governo de coalizão defendida na prévia do PT —, explorando a experiência que teria adquirido no governo anterior e trazendo novas propostas.

Construído esse pano de fundo, passemos à análise dos números das pesquisas para ver como as coisas se arranjaram.

Ainda que os resultados do primeiro turno mostrem preferências diferentes das que se pôde captar nos momentos em que se realizaram as duas pesquisas cujos números apresentamos a seguir (elas foram a campo muito antes do dia da eleição), essas pesquisas registram precisamente a virada pró-Pitta, fator mais importante a discutir, pois é ele que demarca o insucesso de Serra (que disputava, como vimos, o mesmo eleitorado de Pitta) e os limites de crescimento da candidatura de Luiza Erundina. A primeira das pesquisas foi realizada em meados de julho, antes do horário eleitoral obrigatório, e a segunda entre 15 e 19 de agosto, já captando os efeitos da campanha na TV. Na primeira foram entrevistados 2.806 eleitores, e na segunda, 3.127<sup>5</sup>.

Como mostra a *tabela 3*, entre uma pesquisa e outra Erundina caiu 10 pontos e Pitta mais que dobrou seu eleitorado. Como Rossi e Serra também caíram, já naquela altura Pitta parecia receber eleitores dos outros três principais concorrentes.

**Tabela 3**

Evolução das Declarações de Voto nos Principais Candidatos  
Julho e Agosto de 1996

Candidatos	Espontânea (em %)		Estimulada (em %)	
	1ª pesquisa	2ª pesquisa	1ª pesquisa	2ª pesquisa
Erundina	25,5	23,1	35,0	25,4
Serra	6,7	6,7	12,8	8,6
Pitta	12,7	33,0	17,6	35,8
Rossi	9,0	8,0	18,8	9,9

Fonte: Feedback&Data Base/Brasmarket.

(5) O autor dividiu com Fátima Pacheco Jordão a elaboração dos questionários aplicados e a supervisão geral dos trabalhos. Os trabalhos de campo foram coordenados por Marinalva Alexandre Gebara, da Feedback&Data Base, com apoio tecnológico da Brasmarket. Fernando F. Valentin, Marcelo Homem de Melo e Herbert H. Laporte Cherer colaboraram na organização dos bancos de dados.

Rossi e Serra cometeram erros graves na campanha pela TV, que ajudaram a configuração daquelas tendências estruturais presentes na história eleitoral mais recente da cidade. Desde o início Rossi centrou sua campanha na promessa inverossímil de tirar as crianças da rua em 180 dias, sob a auto-ameaça de renúncia. Pesquisas qualitativas mostraram que ambas as idéias soaram falsas: nem se pode resolver problema tão grave em seis meses, nem pareceu crível que Rossi renunciasse ao cobiçado cargo. Não obstante o insucesso da proposta, o candidato insistiu, tentando vinculá-la ao sentimento religioso, usando dois argumentos: um cristão não poderia deixar de se preocupar com o problema; uma pessoa de fé não poderia duvidar de que fosse possível *resolver problema tão importante*. Ao mesmo tempo, porém, para afastar a suspeita de que a renúncia não seria para valer, Rossi passou a dizer que falara em renúncia porque sabia que poderia resolver o problema: "Afim, são *apenas* três mil crianças". Diante de tamanha barafunda ilógica, a queda do candidato, que não logrou aliança com nenhuma das forças conservadoras que organizam o voto na cidade, nada mais fez do que confirmar o que já fora antecipado.

As dificuldades de Serra para ganhar a preferência do eleitor continuísta vêm precisamente do fato de sua principal franquia estar umbilicalmente ligada ao único vetor de incerteza trazido pelo Real que pode ser diretamente vivido pela população, dispensando análises ou explicações: o desemprego. Serra vinha de uma campanha recente em que se apresentara como o "senador do emprego" e não pareceu ao eleitor que sua passagem posterior pelo Ministério do Planejamento houvesse contribuído para equacionar um problema que para ele é o defeito do Real. Nesse cenário, só ao pior inimigo ocorreria sugerir uma proposta com sintagma tão desfavorável quanto a "fábrica de empregos" propagandeada pelo senador. Ademais, como se não bastasse essa dessintonia de ordem geral, o destaque que Serra deu à proposta deve ter parecido pouco crível ao eleitor.

A *tabela 4* traz números da segunda pesquisa mencionada, quando se perguntou qual dos candidatos apresentava na TV a melhor proposta para resolver o problema do desemprego, da saúde, do transporte/trânsito e da moradia.

**Tabela 4**

Opiniões sobre o Melhor Desempenho na Campanha da TV, por Temas  
Agosto de 1996

Candidatos	Temas (em %)			
	Desemprego	Saúde	Transporte/trânsito	Moradia
Erundina	12	17	12	17
Pitta	16	27	30	36
Serra	14	3	8	3
Rossi	4	3	2	5
Pinotti	1	9	0	0

Fonte: Feedback&Data Base/Brasmarket.

Embora se possam fazer considerações muito interessantes sobre os dados da tabela, para o que nos interessa aqui a informação mais importante é a de que ninguém se destaca no tema do desemprego. De um lado, porque o eleitorado sabe que esta não é uma tarefa precípua do prefeito; de outro, porque (por isso mesmo) os candidatos têm dificuldades para apresentar soluções factíveis. Ao ter como um dos eixos da sua campanha o desemprego, Serra confirmou o eleitor que já estava com ele, foi reconhecido por outros como alguém ligado ao tema, mas não ofereceu motivos competitivos para ganhar o eleitor que se inclinava para Pitta. Enquanto este corria em raia própria, a do governo Maluf, Serra partiu para o confronto aberto, fazendo aquilo que qualquer pesquisa qualitativa desaconselhava, diante da altíssima aprovação de que desfruta a atual administração<sup>6</sup>. A idéia era convencer/recuperar o eleitor de centro e centro-direita, o eleitor conservador, com base no argumento de que Serra poderia fazer mais e melhor do que Pitta, e de que ele era uma alternativa viável à ameaça do petismo. Como não funcionou, na última semana os tucanos mudaram completamente de eixo e passaram a disputar com o PT o voto antimalufista. Da crítica ao governo Maluf, para tirar de Pitta o eleitor conservador não-malufista e que evita votar no PT (um eleitor das áreas centrais da cidade), Serra passou atabalhoadamente ao antimalufismo para tirar de Erundina o voto antimalufista do eleitor progressista que não é petista. Daí o *slogan*: "Votar Erundina é eleger Pitta". Tal como começara, Serra encerrou sua participação na campanha sem uma estratégia clara para persuadir o eleitor, porque não sabia sequer a que eleitor se dirigir.

Como pano de fundo da inviabilidade desses dois candidatos esteve a polarização PT—Maluf, que manifesta duas dimensões fundamentais da ação política: a moral e a instrumental. Pela primeira entende-se aqui o plano dos valores, tais como solidariedade e justiça social, e a segunda encerra os elementos de cálculo próprios do binômio custo-benefício. Enquanto a imagem pública do PT e, principalmente, a imagem que ele tem de si mesmo estão fortemente marcadas pela dimensão moral, o malufismo aparece como um contraponto instrumental, que começa na imagem de um Maluf "tocador de obras", ou de um "político de resultados", e chega à glorificação da sua esperteza. Assim, seja num plano mais rarefeito, o dos valores, seja num plano mais imediato, da conduta pessoal, Maluf e Erundina se contrapõem à perfeição. Aliás, uma crítica comum à figura pública de Luiza Erundina é a de que ela "é muito honesta, mas fez pouco, parou obras". Injusta ou não (do meu ponto de vista, sem dúvida injusta), essa é uma contraposição que ajuda a organizar as escolhas nessa eleição.

Pelas pesquisas qualitativas apreende-se que o eleitor em geral encara a política em termos de custo-benefício, outra face do "incrementalismo" de que já falamos. A dimensão moral não o sensibiliza e ele está interessado mesmo é na solução dos seus problemas, dos problemas da cidade, não lhe parecendo que essas soluções dependam de opções no plano moral, salvo num nível muito rebaixado, que seria o de não aceitar um notório corrupto. Governar, para ele, não é uma ação voltada à realização da justiça, mas uma

(6) Aprovação que contrasta fortemente com a paralisa em que o eleitorado supõe estar o governo Covas, que tem trabalhado *intramuros* e deve apresentar recuperação de imagem nos dois anos finais do seu governo.

maneira de resolver problemas, de abrir caminhos para que se possa prosperar. Num cenário assim, o PT encontra dificuldades porque a junção da idéia de mudança com a proposta de tirar de uns para dar a outros surge ora como ameaça, ora como idéia inviável, ora como chorumela de perdedor. Enquanto isso, o malufismo, embrulhado para presente via TV, aparece como uma força realizadora a quem se perdoa, um tanto cinicamente, visíveis oportunismos. Por exemplo, todo mundo sabe que os prédios do Cingapura foram construídos também para ser vistos. Uma crítica de cunho moral esbarra, para o eleitor, no fato de que, a despeito disso, os prédios estão lá. Ademais, Maluf é visto como esperto o suficiente para fazer coincidir com os seus os interesses da cidade.

O PT tende a fazer o eleitor escolher entre quem defende os ricos e quem defende os pobres, enquanto o eleitor está mentalmente organizado para a escolha entre a eficácia e a ineficácia, que constitui terreno propício ao *marketing* malufista. Os dados a seguir dão uma idéia de como essa ordem de motivações organizou o leque de escolhas e a alocação das preferências do eleitorado da cidade.

Observemos, na *tabela 5*, que razões o eleitorado manifestou para justificar a sua preferência por este ou aquele candidato, desde logo chamando a atenção para as alterações ocorridas nessas *razões de voto* entre uma pesquisa e outra (a tabela traz apenas a distribuição para os quatro primeiros colocados e segundo quem declarou alguma razão de voto<sup>7</sup>).

(7) As "razões de voto" foram colhidas na forma de pergunta aberta. Depois, as respostas foram codificadas em duas etapas: a primeira, mais exaustiva e minuciosa, foi coordenada por Melanie Singer, e a segunda, proposta pelo autor, é a que aparece na tabela. Embora as vinculações que os respondentes estabeleceram entre "realizações" passadas e certos candidatos pudessem ser registradas como de "ordem instrumental" — pois nelas há o *cálculo* que a idéia de continuidade implica —, optou-se por separá-las precisamente para poder fazer a distinção temporal.

**Tabela 5**

Razões de Voto nos Principais Candidatos, Primeiro Turno  
1996

Candi- datos	Referências		Referências ao partido/aliados do candidato <sup>2</sup>				Razões de voto (em %)			
	às realizações do candidato <sup>1</sup>		partido/aliados do candidato <sup>2</sup>		de ordem moral <sup>3</sup>		de ordem instrumental <sup>4</sup>		Razões idiossincráticas <sup>5</sup>	
	Pré-TV	Pós-TV	Pré-TV	Pós-TV	Pré-TV	Pós-TV	Pré-TV	Pós-TV	Pré-TV	Pós-TV
Erundina	65	48	13	16	11	9	6	25	2	2
Pitta	79	74	3	3	8	6	6	15	2	2
Serra	17	13	18	16	31	18	22	47	9	6
Rossi	40	35	4	3	32	26	15	31	7	5

Fonte: Feedback&Data Buse/Brasmarket.

(1) N.º caso de Pitta, sempre que houve vinculação espontânea do seu nome às realizações do governo Maluf.

(2) Toda menção a partido ou a aliado político.

(3) Honesto, sincero, negro, nordestina, mulher etc.

(4) Bom plano de governo, capaz, culto, tem propostas concretas etc.

(5) "Tem o sobrenome do meu pai", "sou chegada num *coroa*" etc.

Os eleitores de Rossi dividiam-se entre a chancela do seu passado (o governo em Osasco), razões morais ("é honesto, sincero, fala a verdade") e razões instrumentais, que cresceram depois da campanha na TV. Mas as razões morais continuaram fortes e são próprias de um eleitor para quem a formação da preferência está menos atravessada pelo cálculo, um eleitor menos pronto a receber informações. Rossi caiu para menos de 10% das intenções de voto, mas conservou 1/4 dos eleitores que apontavam razões morais como motivação para o voto. Note-se que na primeira pesquisa Serra tinha 31% dos seus eleitores entre as razões morais, percentual, então, praticamente igual ao de Rossi. Depois da campanha na TV, 46% dos eleitores de Serra manifestavam razões instrumentais e os que apontavam razões morais para o voto caíram para 18%. Essa alteração não chega a impressionar, uma vez que, além de um programa de TV que buscava salientar suas capacidades, a queda do candidato aumentou a participação relativa, no seu índice, dos mais identificados com seu perfil ("competente", "preparado" etc.).

Contudo, os candidatos mais ajustados às motivações do eleitor eram Erundina e Pitta. Nota-se que as "razões de voto" na petista sofreram um remanejamento muito claro da primeira para a segunda pesquisa: caiu o percentual daqueles que diziam votar nela pelo governo passado e mais que quadruplicou o percentual dos que diziam votar em Erundina por razões instrumentais, ou seja, que dizem respeito a propostas apresentadas ou ao cálculo do eleitor quanto às vantagens/benefícios que o candidato traria à cidade. Assim, fica claro que a TV permitiu ao PT transportar parte da credibilidade do governo realizado para as propostas de um futuro governo. Houve, também, um pequeno aumento percentual daqueles que diziam votar em Erundina em razão do partido e dos apoios da candidata, o que não é de surpreender diante da queda de 10 pontos nas preferências entre uma pesquisa e outra — os que ficaram eram, e são, mais petistas do que os que saíram.

Pitta apresentava números com mudanças no mesmo sentido de Erundina, mas com intensidade bem menor: as razões instrumentais dobraram e as razões ligadas ao governo passado caíram apenas 4 pontos. Ou seja, o eleitor de Pitta, depois do sucesso de sua campanha na TV, declarava votar nele pelo que foi, ou pelo que supôs que tenha sido, realizado por Maluf. O forte em Pitta era, e é, a continuidade; o forte em Erundina são as realizações do governo anterior e as propostas apresentadas e/ou as expectativas geradas, atraindo aqueles que querem uma alternativa a Maluf.

Luiza Erundina escapou da armadilha do "não", isto é, do combate aberto a Maluf e ao malufismo, e centrou sua campanha em propostas lastreadas no seu governo passado, tudo apresentado em contraste com as "realizações" de Maluf. Ao deixar de lado o cenário nacional, Erundina fez o que as pesquisas diziam que o eleitor queria: uma campanha voltada para a cidade e seus problemas. Não obstante, não foi além do voto petista, como se viu na *tabela 1*. Como o avanço de Pitta, em relação ao voto de Maluf em

1992, se deu em toda a cidade, inclusive em áreas petistas (salvo na Norte 2, mas ali foi Rossi e não o PT quem conteve Pitta), é de supor que esse eleitor não foi perdido em razão da falta de críticas ao malufismo, pois se fosse assim o normal seria um deslocamento para alguém que fizesse oposição a Pitta e não para o próprio. Parece claro que Erundina foi contida pela rápida transformação em votos do prestígio do governo de Maluf. Mais adiante, quando discutirmos cenários de segundo turno, poderemos ver melhor de onde vieram esses votos.

Seja como for, essa fantástica transferência de votos não é novidade em São Paulo. Fleury não era mais popular do que Pitta quando derrotou Maluf com o apoio de Quércia em 1990. Agora, como naquela altura, trata-se de um resultado obtido mediante um bom desempenho na televisão, lastreado num rol questionável, mas palpável, de "realizações". Vejamos isso mais de perto.

Já na pesquisa de agosto era alta a audiência da campanha na TV, como mostra a *tabela 6*. Note-se a predominância dos comerciais (54% dos que assistiam à campanha viam os comerciais) e o fato de que não chegava a 30% os que não viam a campanha na TV, números inequívocos sobre a centralidade da televisão na campanha.

**Tabela 6**

Declarações sobre Assistência à Campanha na TV, segundo Tipo  
Agosto de 1996

Assistência à campanha na TV	Todos (em %)	Só os que vêm (em %)
Vê comerciais	38,9	54,4
Vê o programa	18,4	25,7
Vê ambos	14,2	19,8
Não vê nada	28,6	—
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Feedback&Data Dase/Brasmarket.

Na *tabela 7* temos a frequência com que as pessoas assistiam à programação eleitoral. Já então, mais de 60% do eleitorado experimentava uma razoável exposição à campanha pela televisão. A relação dessa exposição com a formação das preferências está na *tabela 8*, que traz apenas os números para os quatro principais candidatos e considera apenas aqueles 71% que na *tabela 7* viam a campanha na TV.

**Tabela 7**  
Declarações sobre Frequência de Assistência à Campanha na TV  
Agosto de 1996

Assistência à campanha na TV	Distribuição (em %)
Todo dia ou quase todo dia	43,0
Duas ou três vezes por semana	18,0
Uma vez por semana	10,0
Não vê, não respondeu	29,0
<b>Total</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Feedback&Data Base/Brasmarket.

**Tabela 8**  
Preferência Eleitoral, segundo Frequência de Assistência à  
Campanha na TV  
Agosto de 1996

Candidatos	Todos (em %)	Só os que vêem TV (em %)		
		Todo dia ou quase	Duas ou três vezes p/ semana	Uma vez p/ semana ou menos
Erundina	25	24	30	27
Pitta	39	42	38	31
Serra	9	8	10	9
Rossi	10	10	9	10
Outros	17	16	13	23
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: Feedback&Data Base/Brasmarket.

**Tabela 9**  
Avaliação dos Entrevistados sobre a Campanha na TV  
Agosto de 1996

Candidatos	Quem faz a melhor campanha na TV?	Se dependesse só da TV, quem venceria?
Erundina	15	17
Pitta	51	57
Serra	7	7
Rossi	8	7
Outras respostas	19	12
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: Feedback&Data Base/Brasmarket.

Desde logo se pode notar que Pitta passou de 36% para 39% das preferências quando se levou em conta apenas quem via TV. Os outros três candidatos ficaram na mesma média, tal como se pode comparar voltando à *tabela 2*. A *tabela 8* mostra que a intenção de voto em Pitta decaía à medida que caía a frequência com que se via a campanha na TV. Aliás, é sabido que a virada de Pitta sobre os outros concorrentes ocorreu depois de iniciado o horário eleitoral gratuito. Ou seja, Maluf operou a transferência pela televisão, como se pode demonstrar com os dados da *tabela 9*, que deixam claro o clima de opinião favorável ao desempenho de Pitta, mesmo entre eleitores de Erundina, pois parte destes também achava o programa de Pitta melhor. Isso fica ainda mais evidente quando se constata que para 57% dos eleitores (num momento em que Pitta tinha 36% das preferências) o candidato de Maluf era o favorito para vencer a disputa se se considerasse apenas a campanha na televisão.

Sabe-se que a condição de *ativo* (assalariados e empreendedores em geral) ou *inativo* (tais como aposentados, donas de casa e desempregados<sup>8</sup> de ambos os sexos) implica diferenças importantes na formação das preferências. A *tabela 10* mostra o desempenho dos candidatos em cada uma das faixas de atividade/inatividade dos respondentes. Os dados mostram com clareza a fragilidade de Erundina entre as donas de casa. Pitta, ao contrário, alcançava entre elas seu melhor resultado. Entre as mulheres desempregadas Erundina ficava na sua média, assim como Pitta. Entre os ativos a candidata do PT crescia, enquanto Pitta caía. Rossi e Serra não apresentaram grandes variações. Parece claro, dada inclusive a centralidade da TV, que as donas de casa constituíam um público difícil para Erundina — e elas representam cerca de 20% do eleitorado.

(8) Em virtude das correspondências numéricas encontradas e por comodidade de exposição, optei aqui por considerar "inativos" os desempregados.

**Tabela 10**

Preferência Eleitoral, segundo Condição de Atividade e Sexo  
Agosto de 1996

Candidatos	Condição de atividade e sexo (em %)				
	Donas de casa	Homens inativos	Mulheres inativas	Mulheres ativas	Homens ativos
% geral	19	11	8	26	36
Erundina	17	23	25	28	29
Pitta	43	41	38	32	32
Serra	7	9	7	9	10
Rossi	10	11	8	9	11
Outras respostas	23	16	22	22	18
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: Feedback&Data Base/Brasmarket.

Na *tabela 11* verifica-se a frequência da exposição à campanha segundo a condição de atividade. Os números reafirmam, em outra chave, a imbricação positiva para Pitta de exposição ao vídeo, condição de atividade e preferência eleitoral: as donas de casa eram as que mais assistiam à TV e as mais dispostas a votar em Pitta, assim como as outras mulheres inativas, ficando num outro bloco os ativos de ambos os sexos e numa faixa intermediária os homens inativos, também mais inclinados para Pitta. Assim, quando no final do primeiro turno cresceu a audiência dos programas eleitorais, com eleitores que buscavam fazer ou confirmar sua escolha, o clima já estava criado e o candidato de Maluf foi o beneficiário mais direto (isso para não falar no direito de resposta que lhe foi concedido na véspera da eleição).

O resultado de tudo isso foi que Pitta terminou o primeiro turno de 1996 com índices muito próximos dos que Maluf atingiu no segundo turno de 1990.

**Tabela 11**

Frequência de Assistência à Campanha na TV, segundo Condição de Atividade  
Agosto de 1996

Condição de atividade	Frequência de assistência à campanha na TV (em %)			
	Todos os dias ou quase	Duas a três vezes p/ semana	Uma vez p/ semana	Não vê, sem resposta
Donas de casa	54	16	7	24
Mulheres inativas	54	13	9	24
Homens inativos	46	17	7	30
Mulheres ativas	41	19	11	30
Homens ativos	37	20	11	32

Fonte: Feedback &Data Base/Brasmarket.

Os números da *tabela 12* e os *gráficos 1 a 8* (pp. 18-20) mostram o malufismo numa conseqüente expansão por camadas, que a cada etapa consolida e amplia uma nova fatia do eleitorado, processo que se dá em todas as áreas da cidade.

Concentrando-se em áreas em que predomina um eleitorado mais popular, Luiza Erundina conseguiu resistir à montante conservadora, mas não pôde ir além do eleitorado petista. As dificuldades do PT para ampliar seu eleitorado na cidade vêm de longe e ficam claras quando se comparam as duas últimas colunas da *tabela 12* ou os *gráficos 1 a 8*, os quais mostram de maneira inequívoca a ascensão do malufismo, que não chega a ser contrastada pela recuperação quase heróica, aqui e ali, da candidata petista.

**Tabela 12**  
Resultados Eleitorais na Capital, segundo Regiões  
1990-1996

Regiões	Maluf	Pitta	Maluf	Suplicy	Erundina
	2º turno 1990	1º turno 1996	2º turno 1992	2º turno 1992	1º turno 1996
Centro-Norte	52	51	58	33	18
Centro-Sul	50	49	57	35	17
Leste 1	41	39	46	44	31
Leste 2	43	44	50	39	25
Norte 1	47	46	53	36	20
Norte 2	44	40	51	38	25
Oeste	47	44	54	37	18
Sul	42	43	48	41	26
<b>Total</b>	<b>46</b>	<b>45</b>	<b>52</b>	<b>38</b>	<b>23</b>

Fonte dos dados primários: TRE-SP.

A primeira pesquisa sobre o segundo turno aponta Pitta com 54% e Erundina com 36%, percentuais muito próximos dos resultados de Maluf e Suplicy no segundo turno de 1992. Embora a candidata do PT reúna qualidades de sobra para que não se abandonem todas as esperanças, a julgar pelo modo como as coisas se passaram até agora, e levando em conta que os percentuais alcançados por Pitta exigiriam que, para vencê-lo, Erundina tirasse dele votos que já lhe foram dados, parece pouco provável uma vitória da petista. Em outras palavras, o que o PT espera de sua candidata não é apenas que vença um segundo turno a que chegou em situação desfavorável (o que já seria muito), mas que reverta uma tendência que há anos vem se verificando na cidade. As poucas chances de Erundina estão, primeiro, em conseguir evitar a guerra aberta ao malufismo que o PT parece pretender; segundo, na capacidade de perseverar numa linha propositiva em permanente contraste com o estilo e as escolhas de Maluf; e, terceiro, na fortuna de conseguir um argumento, fato ou pretexto que convença o eleitor de que Pitta não é o que parece, gerando incerteza.

Escrito em meados de outubro, este texto chega ao leitor após a realização do segundo turno das eleições municipais. De sorte que, "novos fora" e como não poderia deixar de ser, é ao leitor de *Novos Estudos* quem cabe dar a última palavra.

Recebido para publicação em  
18 de outubro de 1996.

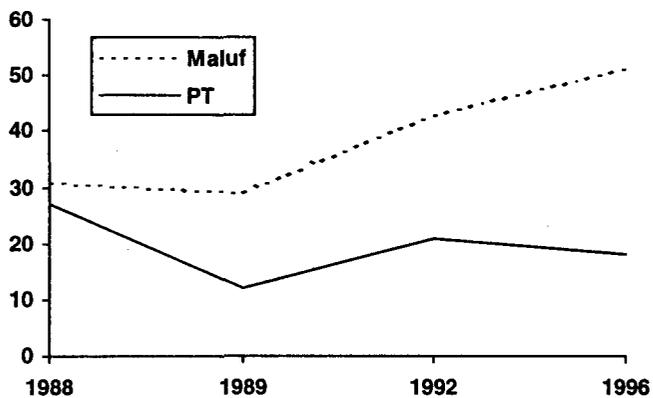
Carlos Alberto Marques Novaes é cientista político e pesquisador do Cebrap. Já publicou nesta revista "A geografia do voto em São Paulo" (nº 45).

---

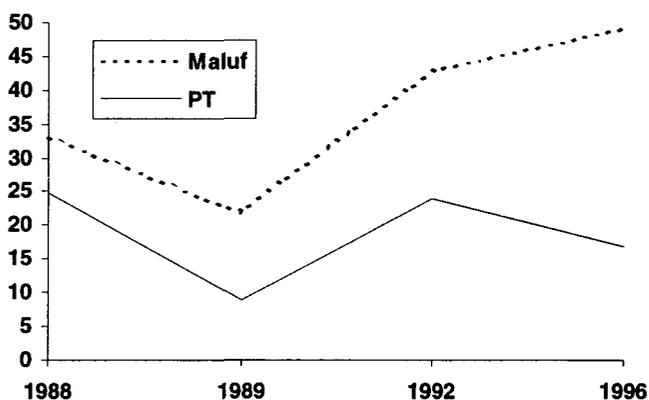
Novos Estudos  
CEBRAP  
N.º 46, novembro 1996  
pp. 3-20

---

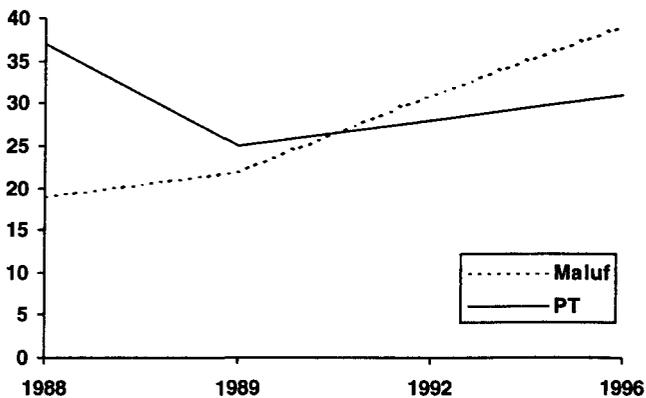
**Gráfico 1**  
Desempenho na Centro-Norte



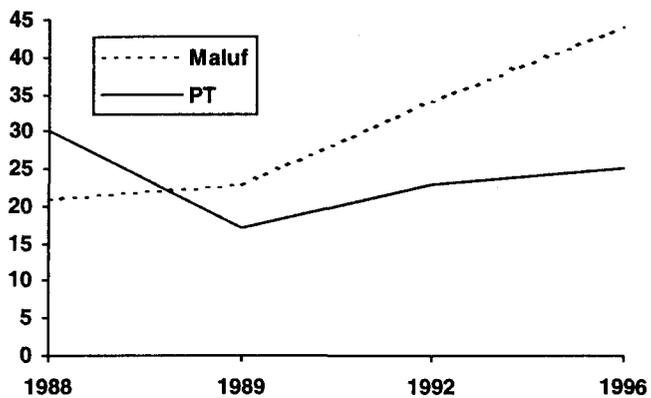
**Gráfico 2**  
Desempenho na Centro-Sul



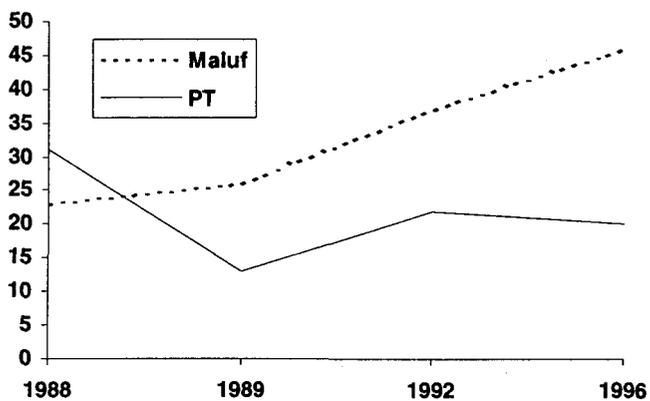
**Gráfico 3**  
Desempenho na Leste 1



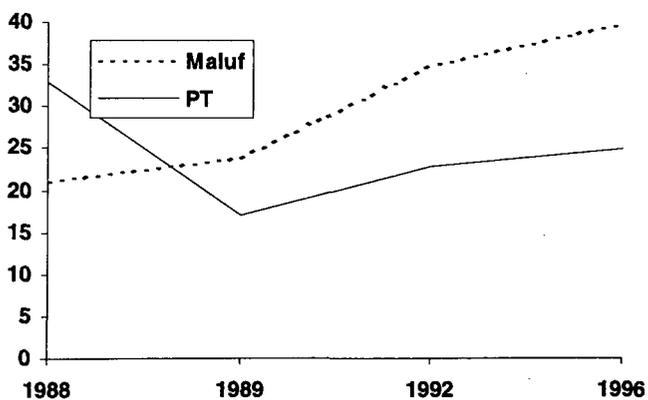
**Gráfico 4**  
Desempenho na Leste 2



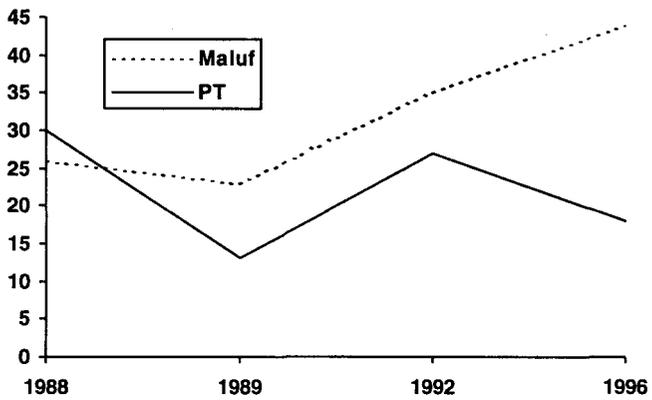
**Gráfico 5**  
Desempenho na Norte 1



**Gráfico 6**  
Desempenho na Norte 2



**Gráfico 7**  
Desempenho na Oeste



**Gráfico 8**  
Desempenho na Sul

